



Relato de Experiência

AÇÕES DE FORMAÇÃO DE CONSCIÊNCIA ECO-HISTÓRICA E PRÁTICAS SOCIOBIODIVERSAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

Michele Silva Araújo, Universidade Federal do Norte do Tocantins,

michele.araujo@ufnt.edu.br

Olívia Macedo Miranda de Medeiros, Universidade Federal do Norte do Tocantins

olivia.cormineiro@ufnt.edu.br

RESUMO

Este projeto de extensão busca fortalecer a formação política e a consciência eco-histórica da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia-TO. Foram propostas oficinas de formação, cartografia social da memória e práticas de sociobiodiversidade, valorizando saberes locais e modos de vida sustentáveis, articulados à própria historicidade do grupo. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação participativa, desenvolvida por meio de rodas de conversa, oficinas e visitas técnicas. Como resultado, observou-se o protagonismo das mulheres ao relacionarem suas memórias à constituição coletiva do quilombo, ampliando o debate sobre o direito ao território e à biodiversidade. Sobretudo, evidenciou-se a importância de retomar a história do Quilombo como instrumento de luta e resistência, reafirmando o território como base essencial para a identidade e a cultura.

Palavras-chave: Sociobiodiversidade; ODS; Quilombo.

1. INTRODUÇÃO

O Quilombo Dona Juscelina, localizado em Muricilândia-TO, é fruto da migração de descendentes de pessoas escravizadas vindos do Maranhão na década de 1960. Desde então, a comunidade se constituiu como espaço de resistência e luta pela retomada de seu território, perdido em decorrência do avanço do latifúndio no Norte de Goiás, atual estado do Tocantins, desde o final da década de 1960. Após muita luta, em 2009, a Fundação Cultural Palmares reconheceu a comunidade como “quilombo urbano”, uma designação que sempre foi vista com cautela por Dona Juscelina, pois, para ela, não condizia com a ligação do grupo com a terra e com a luta pelo território. Assim, mesmo após o reconhecimento, essa liderança e griô esteve à frente da resistência, até seu falecimento em julho de 2021, reivindicando a retomada territorial e dedicando-se à preservação da cultura e do legado ancestral quilombola. Nesse sentido, é importante destacar que “O quilombo não deve ser compreendido apenas como resíduo histórico de escravos fugidos, mas como uma identidade política e cultural construída a partir de práticas sociais, mobilizações e solidariedades” (Almeida, 2011).

O presente trabalho teve como objetivo fortalecer o diálogo entre universidade e comunidade, contribuindo para a formação política e histórica dos homens e mulheres do Quilombo Dona Juscelina, relacionando esse processo formativo à luta pela retomada do território e às práticas de sociobiodiversidade. É perceptível o quanto a comunidade resguarda saberes ancestrais, transmitindo conhecimentos medicinais, preservando a familiaridade com a terra e mantendo tecnologias sociais voltadas ao cuidado com a biodiversidade local. Nesse sentido para os quilombolas a “biodiversidade [...] não é uma categoria científica, é parente. A terra, as plantas, os animais e as águas são parte de uma mesma família, e por isso exigem respeito e cuidado” (Santos, 2023, p. 73).

A Metodologia Participativa, cujo principal expoente é Michel Thiollent (1986), constitui-se em abordagens centradas no diálogo com os agentes sociais. As atividades foram desenvolvidas e articuladas em paralelo aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que têm como finalidade promover o desenvolvimento sustentável. Por meio de rodas de conversas reflexivas vide a meta 1.4 ODS 1 e 10.2 ODS 10. Oficina de cartografia histórica relacionando formação histórica e luta pelo território no norte do país, vide meta 1.4 ODS 1, e visitas técnicas e em campo, a qual proporcionou a confecção da cartilha medicinal das mulheres da comunidade orientadas pela perspectiva participativa, a qual garantiu a escuta, o diálogo e a construção compartilhada de saberes, vide a meta 5.5 ODS 5 e 13.3 ODS 13.

2. OBJETIVOS

Geral: Fortalecer a formação política e de uma consciência biohistórica dos homens e mulheres da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, integrando-a à luta pela retomada do território e às demandas de sociobiodiversidade sustentáveis, vide meta 1.4 ODS 01.

Específicos:

- 1- Promover oficinas de “Cartografia da Migração Quilombola”, relacionando formação histórica e luta pelo território no norte do país, vide meta 1.4 ODS 1.
- 2- Fortalecer a consciência de (des)territorialização da Comunidade, vide a meta 1.4 ODS 1 e 10.2 ODS 10.
- 3- Fomentar a constituição de uma consciência eco histórica na Comunidade, por meio da realização de oficinas que destaquem a importância da tecnologias sociais do grupo, vide meta 1.5 ODS 1 e 4.7 ODS 4.
- 4- Realizar oficinas de aprimoramento da consciência eco histórica de homens e mulheres da Comunidade com vistas fortalecer a formação das lideranças, vide a meta 5.5 ODS 5 e 13.3 ODS 13.
- 5- Promover oficinas de “Cartografia das Memórias Coletivas do território livre”, em articulação com as práticas de sociobiodiversidade que acompanham o grupo e com a luta pelo território, vide meta 1.4 ODS 1 e 13.3 ODS 13.

3. DESENVOLVIMENTO

As primeiras ações foram realizadas a partir de setembro de 2024, sob coordenação da professora Dra. Olívia de Medeiros, que abriu um leque de novos horizontes ao introduzir referenciais teóricos que ampliaram a compreensão da historicidade quilombola. Entre eles, destaca-se Alfredo Wagner, com a obra “Quilombos e Novas Etnias” (2011), fundamental para entender os significados atribuídos ao termo quilombo desde o período colonial até os dias atuais. Também foi marcante o contato com as reflexões de Antônio Bispo dos Santos, autor do livro “A terra dá, a terra quer” (2023), o qual promoveu a compreensão clara sobre a potência da cultura quilombola para a luta pela retomada do território.

As atividades ocorreram, em grande parte, no próprio memorial Dona Juscelina da comunidade, reunindo docentes, discentes, quilombolas da comunidade, estudantes da educação básica e moradores de Muricilândia. Participaram ativamente dois professores/doutores do curso de História, a coordenadora Olívia Macedo Miranda de Medeiros e o professor Euclides Antunes de Medeiros; três discentes da graduação,

incluindo a bolsista Michele Silva Araújo e duas voluntárias, Karolaine Paulo da Silva e Suila Maria Rocha Dias; além da mestrande Amanda de Oliveira Rosa de Sousa, do PPGCULT/UFNT. Somaram-se a eles as mulheres raízes, mestres da tradição oral e dos conhecimentos ancestrais acerca das plantas medicinais, e as/os griôs e lideranças da comunidade, às quais mantêm vivas as memórias do grupo ao comporem um espaço coletivo de aprendizagem.

No que se refere à comunidade externa atendida pelo projeto, tivemos a participação de 25 mulheres quilombolas, 02 Griôs da comunidade; Presidente e tesoureira da associação da comunidade. Além disso, em articulação com a educação básica, o Projeto atendeu 45 alunos de escolas de Araguaína e de Muricilândia.

Vale ressaltar que, durante o trabalho, também ocorreram visitas de escolas públicas e colégios de Araguaína e região ao CDH (Centro de Documentação Histórica), o que possibilitou a apresentação de fotografias das manifestações culturais realizadas no festejo da Abolição, celebrado em 13 de maio pela Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Esse processo não apenas aproximou a universidade da comunidade, mas também reafirmou a memória e a resistência quilombola como fundamentos de sua luta no presente e para o futuro.

Em seguida, articulamos o encontro de reconhecimento do território em disputa. Nesse momento, ficou claro que a comunidade passou a refletir sobre o papel da terra na identidade quilombola. Elas começaram a enxergar o território não apenas como um espaço físico, mas como parte viva de sua história e cultura, fortalecendo a identidade bio-histórica, vide meta 1.4 ODS 01. Como mostra na figura a seguir:

Figura 1 - Ações do projeto



Fonte: (Autoria; 2025)

Nos encontros posteriores, estabelecemos um diálogo entre os saberes tradicionais da comunidade sobre a biodiversidade e as experiências históricas regionais. Essa troca ampliou a consciência ecológica e histórica das participantes, revelando como natureza e memória estão entrelaçadas na vivência cotidiana do quilombo. Ficou claro, sobretudo, que resgatar a história do quilombo é um instrumento de luta e resistência. Reapropriar essas narrativas ancestrais reforçou o entendimento de que o território é fundamento essencial da identidade e da cultura do grupo. Como afirma Rüsen:

A moral da história é externa quando os critérios de valor do presente são aplicados para julgar os acontecimentos passados. [...] É essa responsabilidade moral pelo passado que desperta um interesse crescente pelo manejo político das interpretações históricas. (Rüsen, (2015 *apud* Fronza, 2021, p. 91).

Essa ideia fortalece a compreensão de que a consciência eco-histórica quilombola se enraíza na responsabilidade coletiva de manter viva a memória, a identidade e o território.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado do projeto, observamos nas mulheres envolvidas um aumento da percepção sobre a relação entre suas memórias pessoais e a história do quilombo. Esse despertar inicial reforçou o vínculo entre experiências individuais e a construção coletiva da comunidade. Com essa base, as discussões nos encontros seguintes se aprofundaram, ampliando o debate sobre direitos territoriais e conservação da biodiversidade local.

5. FINANCIAMENTO

Este projeto contou com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFNT), por meio do Edital PIBEX-NORTE.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quilombolas e novas etnias*. Manaus: UEA Edições, 2011.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia de pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FRONZA, Marcelo. *Consciência histórica, consciência moral em relação com a natureza para uma didática humanista da História em Jörn Rüsen*. MÉTIS – história & cultura, Caxias do Sul, v. 19, n. 38, p. 81-97, jul./dez. 2020. DOI: 10.18226/22362762.v19.n.38.05. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/351169655>. Acesso em: 28 set. 2025.